

## Da Constituição da Imaginação e dos Afetos em Espinosa

Marta Vitória de Alencar (Bolsista PIBIC/CNPq)

Orientadora: Marilena Chauí

### 1. Introdução

Na segunda parte da *Ética*, Espinosa trabalha a relação corpo-alma e o primeiro gênero de conhecimento, a saber, a imaginação, além do segundo e terceiro gêneros, incluindo os conceitos de idéia adequada e idéia inadequada. Nosso ponto de partida está em tentar entender de que maneira se constitui a alma humana, como se comporta e que papel desempenha na ética espinosana.

Poderíamos dizer que ela, em si já é dotada de um conteúdo determinado? Ou vale ainda questionarmos se sua constituição se dá do exterior para seu interior, se ela recebe tal conteúdo de um corpo exterior ou não? Deveríamos perguntar sobre sua natureza e formas de operação e relação consigo e com os outros?

Partir de perguntas como estas é que nos leva ao entendimento da propriamente dita imaginação, e na maneira como esta está disposta na *Ética*.

A proposição 7 da parte II da *Ética* enuncia que “*A ordem e a conexão das idéias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas.*” (EI, prop.7)<sup>1</sup> donde se pode perceber que entre corpo e alma se estabelece uma conexão direta, intrínseca e imediata.

Na parte I da *Ética*, Espinosa trata da questão de Deus e faz a distinção entre Natureza Naturante (a Substância e seus Atributos) e Natureza Naturada, constituída por partes a que chamará de modos da Substância (ou Natureza Naturada). Tais partes estão necessariamente ligadas entre si, de forma indissolúvel, porque para Espinosa a única coisa que existe é o que é, pois não concebe a existência do contrário, do nada, de algo que possa destruir a própria Natureza. Para ele tudo o que existe é natural e toda a Natureza coincide com Deus, o que fica mais evidente quando se sabe que é impossível haver um Deus que tenha em si algo que possa ser auto destrutível. Deus é a única Substância existente, é o que é causa de si; sua essência envolvendo sua existência necessária.

Deus é a totalidade da Natureza e se exprime de diversas maneiras, das quais nós conhecemos apenas duas: a extensão e o pensamento, que são seus atributos e “*Por atributo entendo o que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela.*” (EI, def.4)<sup>2</sup>

Modo, ao contrário, é o que para ser e existir depende da ação causal da Substância. O homem, em seu corpo e alma, é um dos modos existentes na Natureza. “*Por modo entendo as afecções da substância, isto é, o que existe noutra coisa pela qual também é concebido.*” (EI, def.5)<sup>3</sup> O corpo e a alma são Modos da Substância, dependem dela quanto à essência e a existência, pois são modificações ou efeitos de dois atributos substanciais: a extensão e o pensamento.

Queremos investigar como se dá a relação entre corpo e alma, e em que essa

relação é importante para compreendermos o que seja a imaginação.

Entendendo que corpo e alma estão intrinsecamente ligados, e que assim é justamente porque são partes de Deus (ou Natureza se se preferir), há que se perguntar, agora, como é que estão dispostos em si mesmos, como se relacionam consigo mesmos e com as outras partes da Natureza, dentro da totalidade desta.

O corpo, modo do atributo extensão, é o que está em contato direto com o exterior, que se relaciona com ele, e dele traz suas impressões, trazendo a marca do contato com o exterior, ou seja os vestígios dos corpos exteriores que o afetam e que, neste movimento, ele reciprocamente afeta. Quando falamos em marca é porque esta realmente se dá, o corpo fica marcado pelo que o atinge. Estas marcas imprimidas no corpo são percebidas pela alma (ou como prefere Espinosa, mente), é ela quem nomeia o que no corpo se passa. A alma é então idéia do corpo, é idéia do que se passa no corpo, é a parte pensante do corpo, é o modo do atributo pensamento.

Importante aqui é compreender a maneira de recepção, ação e reação do corpo e da alma ao que lhes é interior e exterior, ao movimento dos corpos e ao que se produz deles. Para tanto é preciso partir da física dos corpos, localizada na parte II da *Ética*, para dela chegar na psicologia (Parte III da *Ética*). Mas entender a maneira como a alma imagina as coisas que afetam seu corpo implicará a noção de idéia inadequada, e com ela a totalidade do campo da paixões, o que não se faz sem a compreensão de alguns conceitos da Parte I da *Ética*.

## 2. De Deus ou da Natureza

Para que a localização da questão da imaginação fique mais clara, é preciso partir da questão da natureza de Deus, da natureza do próprio universo da Natureza e de seus constituintes.

Na concepção de Espinosa, Deus é uma substância infinita, a única Substância existente na Natureza, de essência eterna e infinita, constituída de infinitos atributos e modos, onde a totalidade da essência e existência de Deus coincide com a totalidade da essência e existência da Natureza, e portanto a essência de Deus compreende necessariamente todas as coisas da natureza. Deus existe em si, é concebido por si e é causa de si: *“Por causa de si entendo aquilo cuja essência envolve a existência; ou por outras palavras, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente.”* (EI, def.1)<sup>4</sup> Portanto quando Espinosa define a essência de Deus envolvendo sua existência afirma que uma pressupõe a outra, ou seja, essência e existência de Deus são uma e mesma coisa, e não há como concebê-las separadamente

Através da proposição 14 da Parte I, Espinosa prova só poder existir uma única Substância, pois Deus é o ente absolutamente infinito dotado de atributos que expressem sua essência: *“Se existisse qualquer substância fora de Deus, deveria ser explicada por algum atributo de Deus e assim existiriam duas substâncias do mesmo atributo, o que é absurdo”* (EI, dem. prop.14)<sup>5</sup> visto pela proposição 5 da Parte I que diz: *“Na Natureza (das coisas) não podem ser dadas duas ou mais substâncias com*

*a mesma natureza ou atributo.*" (EI, prop.5)<sup>6</sup>

A Substância é constituída por infinitos Atributos que não são limitados por nada que seja de mesma natureza. Os Atributos são qualidades intrínsecas à Substância, donde cada atributo pode ser concebido por ele mesmo, já que a única Substância é Deus, e este concebe a si mesmo. Atributo é *aquilo "que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela."*(EI, def.4)<sup>7</sup> e Modo são *"as afecções da substância, isto é, o que existe noutra coisa pela qual também é concebido."*(EI, def.5)<sup>8</sup>

Deus é causa de si, é infinito, eterno e único; e é causa de todas as coisas porque tudo o que existe é Substância, ou modo da Substância, *pois "tudo o que existe, existe em si ou noutra coisa"*(EI, ax. 1)<sup>9</sup>, e a única Substância que existe é Deus. Deus é causa livre porque é causa de si, nada do exterior o determina e, portanto, não age coagido por nada, nem ninguém.

Com isso Espinosa elimina a idéia de que Deus é um intelecto dotado de vontade criadora, porque intelecto e vontade são modos e não atributos de Deus. Vontade, assim como intelecto, é um modo de pensar, e enquanto modo ela não é separada do intelecto, pelo contrário, esta contida nele. *"A vontade não pode ser chamada causa livre, mas somente causa necessária"*(EI, prop.32)<sup>10</sup>, e por isso, como nos mostra a demonstração desta proposição, *"cada volição não pode existir nem ser determinada a agir se não for determinada por outra causa"*(EI, dem. Prop.32)<sup>11</sup> pois aqui não há ação pela finalidade, não há causa final, mas somente causa eficiente. A vontade então, é dada como um modo de pensar que tem sua causa determinada por outra causa, que será sempre necessária, e não livre como queria a Tradição. Portanto, Deus não age com vistas a um fim, não é 'criador' e não há transcendência divina. Com isso Espinosa põe fim a todo mistério do mundo construído pela Tradição.

### 3. De um dos modos de Deus: o homem.

Definida a essência de Deus, e necessariamente ligada a esta, a sua existência, passemos à definição deste modo de Deus, o homem.

Entre os infinitos atributos de Deus, o homem é apenas um modo. Os atributos de Deus no homem são de dois tipos: atributo pensamento, que produz idéias; e atributo extensão, que produz corpos. *"Por corpo entendo um modo que exprime, de uma maneira certa e determinada, a essência de Deus, enquanto esta é considerada como coisa extensa."*(EII, def.1)<sup>12</sup> e *"Por idéia entendo um conceito da alma, que a alma forma pelo fato de ser uma coisa pensante."*(EII, def.3)<sup>13</sup>. Portanto, o homem, enquanto modo dos atributos pensamento e extensão, constitui a união desses dois atributos. Corpo e alma, por serem modos finito de Deus, não pertencem à sua essência, mas exprimem essa essência e são efeitos necessários dela, são concebidos por ela e suas existências dela dependem.

Mas como é que se dispõem no homem estes dois atributos? Espinosa vai inovar a concepção da relação entre corpo e alma (mente) através da proposição 7 do Livro II : *"A ordem e a conexão das idéias é a mesma que a ordem e a conexão das*

*coisas.*"(EII, prop.7)<sup>14</sup> A relação que se estabelece entre os atributos pensamento e extensão no homem é de mesma ordem e conexão, ou seja, o que se passa em um tem que necessariamente passar no outro, e na mesma ordem que se passa no outro, porque ambos estão conectados enquanto modos de atributos de uma única substância; realizam simultaneamente a mesma ação porque pertencem a uma mesma substância, e a existência de um é simultânea à do outro.

Espinosa define o homem como um modo de Deus constituído de dois atributos que estão ligados simultaneamente um ao outro, que tem mesma ordem e conexão, que por essência estão relacionados desta maneira, porque só assim é possível que existam.

O homem conhece as mesmas coisas e da mesma maneira que Deus, pois a mente do homem é um intelecto finito, que é modo do intelecto infinito de Deus, (ou seja, o atributo pensamento em Deus é infinito), então, a mente humana é uma parte do intelecto de Deus. Isso se dá porque Deus é causa da essência e da existência do intelecto do homem. A diferença entre o que pode conhecer Deus e o que pode conhecer o homem está apenas na quantidade, e não na qualidade, pois o homem só pode conhecer as coisas que participarem dos atributos de que ele também participa, portanto ele pode conhecer tudo que tiver pensamento e extensão, igualmente e exatamente como Deus. Corpo e alma não são definidos como diferentes substâncias como na Tradição, mas sim como modos de uma potência única expressa de duas maneiras na unidade de um ser singular.

#### 4. Do corpo

O corpo é um modo finito do atributo extensão, é um equilíbrio ou uma proporção interna de movimento e repouso, é uma estrutura individual singular, uma coisa singular existente em ato, um conjunto estruturado de corpos, um composto de corpos moles, duros e fluídos (e não um agregado de partes).

Para se manter em atividade, o corpo realiza ações. Esta atividade busca sua conservação relacionando-o com corpos exteriores. Esse esforço de auto-conservação é o Conatus, ou seja, a essência atual de uma coisa.

Neste movimento de conservação, de auto conservar-se, o corpo, além de se relacionar com corpos exteriores, relaciona-se também com seus corpos, suas partes internas; nessa relação, comunicação ou troca, com outros corpos, uns agem sobre os outros causando alterações, mutuamente. Como suas partes todas agem em conjunto, elas se tornam constituintes do corpo enquanto singularidade (indivíduo), como define Espinosa: *"Por coisas singulares entendo as coisas que são finitas e que tem uma existência determinada. Se acontece que vários indivíduos concorrem para uma mesma ação, de tal modo que todos em conjunto sejam a causa de um mesmo afeto, considero-os, então, todos juntos como constituindo uma mesma coisa singular."*(EII, def. 7)<sup>15</sup>

Esta dinâmica tem como fim sua auto conservação. Essas ações são a manifestação de sua potência, sua capacidade de perseverar-se no ser, são a atividade da potência do corpo (capacidade de agir e existir), são o próprio Conatus em ação; e

as ações exteriores que recaem sobre ele, são o Conatus de corpos exteriores em atividade.

É por um princípio interno de auto conservação (Conatus) que um corpo se move e produz ações em direção ao que ele julga servir de 'alimento' e 'fonte de energia' para sua conservação.

É este movimento que faz com que um corpo seja afetado, e isso pode se dar das seguintes maneiras:

1) uma ação interna de um Corpo afeta seu próprio Corpo; ou seja, uma ação de suas partes entre si afeta o todo do corpo.

2) uma ação de um Corpo afeta outro corpo, produz uma afecção neste outro corpo; ou seja, uma ação de um Corpo em direção a um corpo exterior afeta o corpo exterior.

3) na ação, ao afetar o outro corpo, o Corpo é afetado por este corpo; ou seja, o corpo afetante também é afetado pelo corpo que afetou num movimento recíproco e simultâneo, portanto o corpo afetado afeta o corpo afetante. Em outras palavras, eu afeto um corpo criando nele uma afecção, este corpo ao ser afetado por mim simultaneamente me causa uma afecção; dessa maneira sou afetante (ativo) e afetado (passivo) simultaneamente, e ele assim também é pois há um movimento recíproco de ação e reação.

É através dessas ações, tanto do próprio corpo para consigo quanto para com os corpos exteriores, e estes para com ele, que um corpo é afetado, e isso ocorrerá inúmeras vezes e de inúmeras maneiras. Portanto, um corpo é afetado por si e por outros corpos, e a outros corpos afeta.

## 5. Da alma

A alma é um modo finito do atributo pensamento e como tal, ela é idéia de seu corpo e de si mesma. Uma idéia, por definição, é uma afirmação ou negação. Enquanto idéia, a alma, é a potência de afirmar ou negar uma coisa qualquer que se refira ao objeto da idéia, ou seja, um ideado, seja este ideado de uma afecção corporal ou uma idéia de uma idéia da alma.

O ser da alma se define como atual, isto é, ele não está em potência esperando uma ação externa que o atualize. Este ser atual constitui sua essência, ele é a consciência do significado de seu corpo. O ser da alma, assim como o do corpo, é existente em ato, ou seja, é uma realidade atual. A alma é idéia, consciência de seu corpo e das afecções que este pratica ou sofre; e também é consciência de seu significado, é idéia de si mesma, é idéia das reações que ela causa em si mesma (idéia da idéia) quando percebe tudo o que se passa no corpo. Como vimos na já mencionada proposição 7 da Parte II, é da essência da alma estar ligada ao corpo desta maneira. Portanto, além de ser idéia do corpo, a alma é também idéia de si mesma à medida que tem idéia das idéias que tem do corpo. Porque a alma é dotada de reflexão, ela é idéia do corpo e idéia da idéia do corpo.

Com isso, Espinosa desfaz a concepção de alma da Tradição: de que esta era um ser separado do corpo, de vida e natureza independente, que somente habitava

neste e por ele era arrastada. Aqui alma e corpo constituem um único modo de existência e essência, em que a alma morre quando morre o corpo.

## 6. Das afecções corporais e da noção de idéia inadequada

Chamamos de afecções corporais os acontecimentos corporais que formam o conteúdo das idéias do corpo da qual a alma é idéia. Este conteúdo são as imagens das coisas pelas quais o corpo é afetado; ou seja, as idéias que a alma tem das afecções do corpo são apenas imagens das próprias coisas que o afetam. Então, uma afecção é o que resulta de uma ação de um corpo, e quando uma ação afeta seu próprio corpo ou a outro corpo qualquer, a alma do corpo afetado toma consciência dessa afecção sob a forma de idéia imaginativa, que exprime a afecção corporal como um sentimento e por isso o que é afecção no corpo é afeto na alma.

Quando afetado na relação com outros corpos, o corpo produz para a alma imagens da coisa afetante e imagens de si, a partir do afetante; essa relação se reverte para a alma num conhecimento confuso de si mesma, de seu corpo e dos outros corpos; isso ocorre porque *“A idéia de qualquer afecção do corpo humano não envolve o conhecimento adequado do corpo exterior.”*(EII, prop.25)<sup>16</sup> ou seja, o que a alma no esforço de compreender essas imagens é capaz de formular são idéias inadequadas: uma consciência das afecções do corpo que opera por associações na tentativa de chegar a uma idéia genérica destas imagens que estão separadas de suas causas reais. Portanto, na imaginação, o que a alma consegue formular são idéias inadequadas de imagens confusas e obscuras oferecidas pelo corpo que assim são por somente oferecer causas parciais. Temos idéia inadequada de uma coisa quando tomamos por causa o que apenas é causa parcial da coisa.

Por outro lado, o conhecimento adequado se dá através de idéias adequadas *“que enquanto é considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma idéia verdadeira.”* (EII, def.4)<sup>17</sup>; idéias inadequadas portanto, são as idéias das coisas enquanto coisas singulares, são o conhecimento da essência, de suas causas e seus efeitos, ou seja, do nexos e da gênese necessária das coisas. Ter idéias adequadas é uma capacidade natural da alma que por si mesma pode conhecer as causas e efeitos de suas idéias.

Mas como as imagens são produzidas na relação com outros corpos, e são próprias do corpo, o conhecimento que a alma é capaz de formular é imaginário, e portanto é confuso e inadequado. A alma só é capaz de conhecer seu próprio corpo através das idéias das afecções que o afetam, e que sem conhecimento verdadeiro das causas, faz com que a alma gere inúmeras confusões, porque se baseiam nas imagens das coisas que as afetam e não em suas causas. *“A idéia de qualquer afecção do corpo humano não envolve (pressupõe) o conhecimento adequado do próprio corpo humano.”* (EII, prop.27)<sup>18</sup> Temos idéia adequada quando esta oferece por si mesma a sua causa, sem relação com o objeto; enquanto que a idéia inadequada é a imagem produzida da relação de um corpo com corpos exteriores.

Na imaginação, a alma, por somente ter idéias inadequadas, só conhece as imagens dos corpos que afetam seu corpo, só tem idéias imaginativas dos outros cor-

pos, não os conhece efetivamente. Quem imagina é o corpo, o que a alma faz é pensar idéias imaginativas através de imagens que o corpo fornece de si mesmo e dos outros corpos, imagens que são representações que o corpo faz dos outros corpos de acordo com a afecção que sofreu, e de sua própria representação de acordo com a afecção que causa nos outros corpos.

Por estar no campo imaginativo, a alma desconhece as causas verdadeiras das afecções, pois o conhecimento que obtém se dá através das imagens que os corpos produzem, imagens que são atuais, fragmentadas e esparsas.

A operação que a alma executa é de ordenar, associar e relacionar as imagens quanto à suas semelhanças e diferenças até obter uma idéia imaginativa genérica, ou seja, um conhecimento de alguma coisa sem ter obtido o conhecimento de sua causa. O fim desta operação é atingir uma estabilização das idéias, o que resulta numa abstração imaginativa, onde os conteúdos estão separados de suas causas reais.

Na vida imaginativa, não se trata de discutir a veracidade ou falsidade da imagem. “A falsidade consiste numa privação de conhecimento que envolve as idéias inadequadas, isto é, mutiladas e confusas.”(Ell, prop.35)<sup>19</sup> A imaginação tem que ser entendida como privação do verdadeiro, e não falsidade. Enquanto imagem, uma imagem só pode ser verdadeira, mas enquanto idéia ela é falsa, porque não é uma idéia. Somente a idéia é que pode ser verdadeira ou falsa, a imagem é simplesmente imagem.

As imagens podem ser consideradas como causa de falsidade à medida que causam ilusões, pois são conhecimento inadequado do corpo, da alma, da relação do corpo-alma, e da natureza, logo podem ser consideradas como conhecimento parcial, confuso e abstrato. O campo imaginativo está instalado no corpo e constitui o campo de uma experiência na qual só temos idéias inadequadas.

Este campo da experiência em que se dá o conhecimento imaginativo é chamado por Espinosa de campo da experiência vaga, da opinião e da imaginação, ou seja, o primeiro gênero de conhecimento.

Nesse gênero de conhecimento, as idéias imaginativas das imagens corporais, isto é, as idéias inadequadas das afecções corporais, são experimentadas como afetos passivos ou o que Espinosa vai chamar de paixão, pois a alma desconhece as causas das imagens e afecções do corpo produzidas na relação com outros corpos.

Partindo daqui, podemos explicar a natureza e origem dos afetos e a maneira como se inter-relacionam no interior da alma, sendo este último um dos temas tratados na Parte III da *Ética*. Nela Espinosa mostra que o Conatus opera tanto adequadamente, quanto inadequadamente, devido ao tipo de idéia que formula a respeito das causas geradoras das ações que podem ser adequadas ou inadequadas, resultando em ações passivas ou ativas, o que fatalmente conduzirá à servidão ou à liberdade humana. Tal tarefa não se realiza sem a compreensão das noções de passividade e atividade, estas, relacionadas às noções de Conatus, causa adequada e causa inadequada, conceitos estes que também compõem a teoria das paixões espinosana, onde habitam os afetos, e que se passa na vida imaginária, portanto no

campo da imaginação.

## Bibliografia

- ANDRADE, F. *Desejo, Alegria e Tristeza: O Conatus como Potência de Existir e Agir*. In Cadernos Espinosanos Vol.I (1), Depto. Filosofia/USP, 1996.
- AUGUSTO, R. P. *Do Preconceito à Servidão: O Predomínio do Imaginário*. In Cadernos Espinosanos Vol.I(3), Depto. Filosofia/USP, 1995.
- CHAUI, M. *Espinosa, Vida e Obra*, In Espinosa. Col. Os Pensadores, São Paulo, Abril, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Laços do Desejo*. In: Novaes, A (org.) O Desejo, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o Medo*. In: Novaes, A (org.) Os Sentidos das Paixões, São Paulo, Companhia das Letras, 1987
- \_\_\_\_\_. *A Idéia de Parte da Natureza em Espinosa*. In Revista Discurso nº 24, Depto. Filosofia/USP, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Ser Parte e Ter Parte: Servidão e Liberdade na Ética IV*. In Revista Discurso nº22, Depto. Filosofia/USP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Espinosa, Uma Filosofia da Liberdade*. Col. Logos, Moderna, São Paulo, 1995.
- DELEUZE, G. *Espinosa e os Signos*. Col. Sustância, Rés, Portugal, 1970.
- Espinosa, B., 'Ética' In Col. Os Pensadores, São Paulo, Abril, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Tratado da Correção do Intelecto*. In Col. Os Pensadores, São Paulo, Abril, 1973.
- FORNAZARI, S. K. *Da Perversidade à Impotência*. In Cadernos Espinosanos Vol.I(2), Depto. Filosofia/USP, 1995.
- HEITZMANN, L. C., *Da Inadequação Originária à Liberdade Necessária*. In Cadernos Espinosanos Vol.I(2) Depto. Filosofia/USP 1995.
- LIRA, J. T. C. *Suicídio e Preservação de Si: em Torno de um Grau Zero de Conatus*. In Cadernos Espinosanos Vol.I(2), Depto. Filosofia/USP, 1995.
- NETO, J.Z. *Espinosa: Deus, Bem e Mal numa Ética Moderna*. In Cadernos Espinosano Vol.I(2), Depto. Filosofia/USP, 1995.
- SARAIVA, J. *Os Afetos Primitivos e o Conatus: uma Análise do Livro III da Ética*. In Cadernos Espinosanos Vol.I(2), Depto. Filosofia/USP, 1995.
- TEXEIRA, L. *Tratado da Reforma da Inteligência Introdução*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1966.

## NOTAS

1. In Espinosa, 1973, coleção 'Os Pensadores' trad. Joaquim Ferreira Gomes, São Paulo, Abril, p.147
2. Idem, p. 84.



3. Idem, ibidem, p. 84.
4. Ibidem, p. 83.
5. Ibidem, p. 96.
6. Ibidem, p. 88.
7. Ibidem, p. 84.
8. Ibidem, p. 84.
9. Ibidem, p. 85.
10. Ibidem, p. 116.
11. Ibidem, p. 117.
12. Ibidem, p. 143.
13. Ibidem, p. 143.
14. Ibidem, p. 147.
15. Ibidem, p. 144.
16. Ibidem, p. 162.
17. Ibidem, p. 143.
18. Ibidem, p.163.
19. Ibidem, p.166.